

BIBLIOTECA

POR TERRAS DE PENALVA (BEIRA-ALTA)

APONTAMENTOS PARA O ESTUDO DA ARQUEOLOGIA
E DA HISTÓRIA DA REGIÃO

POR

ANTÓNIO DE ALMEIDA

A demora de duas semanas em Sezures, minha aldeia natal, durante as últimas férias de verão, permitiu-me visitar certos lugares muito meus conhecidos desde a infância, e de que já tinha saudades por tanto êles me recordarem os tempos idos, plenos de ventura descuidada e impregnados de sonho e de magia estranha — que as lendas correntes da região mais avolumavam, quando hábilmente contadas por minha Mãe.

Durante alguns dias tive ensejo de percorrer, além dos subúrbios de Sezures, o Mato da Costa — terreno a E. da aldeia; o Vale do Corvo — extenso baldio a NE., cujos limites extremos coincidem com os do concelho de Penalva do Castelo e os do distrito de Viseu; os Córgos e a Serra das Malhadas — regiões a N. e a NW., confinantes com o Companheiro, prolongando-se a última em terras do concelho do Sátão; e, finalmente, a SW., a Serra das Cabeças e sua continuação — a Serra do Gato ou da Cabeça do Gato — baldio pertencente, em parte, à freguesia de Sezures, e, na outra, à de Esmolfe.

Acompanhado de meu Pai — nascido e criado em Sezures, e que, como grande cultor que foi da arte de Santo Huberto, conhece

perfeitamente os locais que eu pretendia visitar — de novo tomei contacto com as terras e as coisas nelas existentes, cujo aspecto, tamanho ou natureza condicionaram o aparecimento e a formação de lendas e tradições, vindas de épocas de cronologia ignorada ou mal estabelecida ainda, e que se mantêm, quiçá mais ou menos adulteradas à fôrça de repetidas, se bem que alguns topónimos, indubitavelmente, hajam de filiar-se em factos e obras de índole pré ou proto-histórica.

I

Pôsto que não sejam ainda muito abundantes os elementos de estudo conhecidos sôbre a pre-história e a história das povoações do concelho de Penalva do Castelo, a ordenação cronológica e a análise de tais dados constitui já precioso material para o esclarecimento das origens e do desenvolvimento de algumas das aldeias dêste tão interessante rincão da Beira-Alta.

É dêsses elementos de estudo que me vou ocupar antes de dar conta das excursões que realizei às serras e montes do termo de Sezures; no fim do presente trabalho, reünirei, em síntese, as considerações que julgo indispensáveis a bem do conhecimento da arqueologia e da história da aldeia da minha naturalidade.

Nenhum dado arqueológico da idade paleolítica se conhece, por enquanto, como oriundo das terras de Penalva do Castelo ou de suas vizinhanças, outro tanto não sucedendo, porém, com os monumentos e objectos característicos da era neolítica, que se encontram com relativa freqüência nestas paragens.

Conforme afirmou Mendonça e Pina, no aro das terras de Penalva do Castelo, habitaram outrora gentes da idade da pedra polida, como, com efeito, o demonstram a existência de dólmenes

e de outros monumentos megalíticos, e o achado de instrumentos neolíticos dentro da sua área e da dos concelhos limítrofes.

Nas circunvizinhanças das Antas, postavam-se, antigamente, muitas *orcas* ou *antas* — que emprestaram o nome à povoação; ainda hoje, entre Antas e Matança — nas Córgas, pode observar-se a câmara dum dólmene com grande tampa.

Nos subúrbios de Carrapichana, Aldeia Velha (Quinta de Alcudra), Carapito, e de Cortiçô da Serra, também havia *orcas* ou *casas das orcas*, e partes delas; do dólmene de Aldeia Velha parece que só restam os esteios.

O vizinho concelho do Sátão e suas cercanias — Lamas, Queiriga, Serra das Antas, Serra da Nave, Touro, Cas-Freiras, etc., possuem numerosas *orcas*, algumas das quais foram estudadas por Leite de Vasconcelos.

Da exploração que êste ilustre arqueólogo fêz no dólmene das Córgas, resultou o achado de restos de vasos de diferentes formas e dimensões, tendo-se recolhido, num campo próximo, um machado neolítico.

Para os aldeãos dos arredores, a grande lage da orca das Córgas só poderia ter sido transportada à cabeça de numerosas velhas, enquanto fiavam...

A esta anta se referia, por certo, o P.^e José Gaspar Simões quando declarava ter visto, perto das Antas, em 1753, uma ara neolítica, com uma grande mesa em cima, de configuração análoga à de outra, erigida em local situado entre as cidades da Guarda e de Pinhel — Pera do Moço e Quinta do Carvalhal.

Os abrigos sob rocha e os penedos oscilantes, considerados por alguns arqueólogos como monumentos megalíticos, aparecem amiúde nos montes do concelho de Penalva do Castelo.

A E. de Castendo, podia, em tempos, ver-se o *Penedo dos Moiros* — pedra balouçante, caída há poucos anos; sob esta rocha, a tradição afirmava haver Moiras encantadas, lindas e riquíssimas.

Do interior das grutas e abrigos sob rocha da vizinhança, foram retirados pedaços de pedra de diversa forma e tamanho, entre os quais se evidenciavam umas *mocas* (?).

Àcerca dos penedos oscilantes das serras do aro de Sezures, falar-se-á mais adiante ao relatar as excursões que efectuei na periferia da aldeia.

Igualmente, não sido encontrados nos campos da região alguns machados de pedra polida ou *pedras de raio*, como se designam aqui — em virtude de os julgarem resultantes da transformação das faíscas eléctricas ao penetrarem no solo, e que, por serem tidas como os melhores preservativos dos raios, são extraordinariamente estimadas.

Em terras de Esmolfe, pertencentes a uns primos meus, da família Albuquerque e Castro, acharam-se três machados de pedra polida, que hoje figuram no Museu Leite de Vasconcelos, oferecidos ao seu douto patrono, por ocasião da visita a essa aldeia.

Numa seara de Pindo, foi apanhado um lindo machado neolítico que meu primo, Leonel de Barros Cardoso Figueiredo e Vasconcelos, senhor da Casa da Moita, teve a generosidade de me oferecer, e ora se conserva no Museu Pedagógico da Escola Superior Colonial.

De Pindo, Leite de Vasconcelos trouxe para Lisboa dois machados de pedra polida, junto com um terceiro, apanhado na Moradia.

Em Sezures e na Quinta da Vacaria, havia dois destes utensílios pre-históricos: o de Sezures, cujo paradeiro ignoro, — ainda me recordo tê-lo visto na minha infância — era escuro, em forma de cunha, duro, tanto que, por mais que o martelassem, nunca conseguiram fracturá-lo — e o da Vacaria foi observado por Leite de Vasconcelos, quando ali esteve.

Referente à estadia de povos dos primeiros períodos da proto-história em Penalva do Castelo e nas redondezas, reduzido espólio se obteve até agora.

Nas terras de Rio de Moínhos, encontrou-se um machado de bronze, e, na Quinta do Paço (Lamas), apareceram mais de uma dúzia destes exemplares com argola; os machados de bronze, recolhidas em Castendo e no Ladário, figuram no Museu Leite de Vasconcelos, levadas pelo seu titular para Lisboa.

A passagem e a fixação dos Romanos — arribados à Península Ibérica, na segunda idade de ferro — em terras de Penalva do Castelo, encontra-se suficientemente demonstrada por múltiplas manifestações da cultura por eles veiculada.

Óptimos atestados da presença das gentes do Latium na região, são a ponte do Castelo de Penalva, sobre o rio Dão, e os vestígios duma estrada militar, de grandes lages, continuada dum e do outro lado da ponte.

Esta aldeia assenta sobre um monte — *Pena* (do celta *pen*, penha, pedra) *Alba*, certamente, devido à côr mais clara dos rochedos — situado na margem esquerda e sobranceiro ao rio Dão. Nesta colina, existiu, em eras remotas, um *castrum minus* ou *castellum*; a povoação recebeu o nome que hoje possui, e dela resultou, posteriormente, a designação actual do concelho — Penalva do Castelo.

Para Leite de Vasconcelos, a designação do rio Dão proveio de *Adōn* > *Daōn* > *Dom*, *Odon* ou *d'Om* > *Dão*.

Quere-me parecer que outra seja a etimologia do nome Dão.

Estou convencido de que, antes do advento dos soldados de Roma, já no monte ou Pena Alba se localizava uma fortaleza; esta opinião não é difícil de fundamentar: ao *castrum* pre-romano da Gália apelidavam os soldados de Júlio César de *dunum* ou *dum*, termo celta que significa colina, montanha, outeiro — pequena cidadela fortificada, sentinela das *oppida* (Alberto Sampaio) — denominação que, igualmente, as tropas de Augusto haveriam de dar às fortalezas peninsulares.

Ao rio que passava junto de *Dum*, chamou-se *Dum* ou *Adum* > *Daön*, *Adön* ou *Adaön* > *Dom* ou *Odon* > *Dão*; ainda, em nossos dias, um pequeno ribeiro afluente do Dão — tal como as terras que banha — se designa *Ribeira Dum*, e a ponte que atravessa aquêlê curso de água, ligando a aldeia de Vila Cova com a de Sezures, é conhecida pelo nome de *Ponte Dum* (ou *Dom*).

Com a sua completa romanização, a aldeia de *Dum*, mudou de nome, sendo a sua denominação substituída pela equivalente latina: *castellum* ou *castrum minus*.

Dentro da povoação do Castelo de Penalva e em seus arrabaldes, ainda insuficientemente explorados (a exemplo do que sucede com a gruta que se diz haver sob o monte) têm sido achados vestígios de insofismável origem romana.

No muro do quintal dos Abades, conforme afirma Pinho Leal ou na Insua, segundo Leite de Vasconcelos, mostrava-se uma linda pedra mármore com a seguinte inscrição latina, gravada com excelentes caracteres, e já, mais duma vez, publicada:

RVFO.FVSCI.F.A
 NNORVM.XXV.
 FVSCVS.ALBINI
 FFILIO SVO.IIT.SIBI.

Leite de Vasconcelos interpretou-a assim:

Rufo, Fusci f(ilius), annorum XXV; Fuscus Albini f(ilius), filio suo et sibi, expressões que, traduzidas, dizem: *A Rufo, filho de Fusco, de 25 anos; Fusco, filho de Albino, fez este monumento para seu querido filho e para si.*

Em terras de frêguesia do Castelo de Penalva, na serra da Paramuna, há incontestáveis restos de grande e muito antiga

povoação, que uns estudiosos consideram castro romano, e outros querem medieval; é tradição geral que, em eras remotas, as povoações de Paramuna e de Castelo de Penalva comunicavam entre si por meio dum caminho subterrâneo.

Nuns campos de meus parentes de Esmolfe, encontrou-se uma lápide de granito com uma inscrição latina, em honra duma divindade lusitano-romana, que foi estudada por Leite de Vasconcelos, figurando actualmente no Museu Etnológico de Belém. Contém os seguintes dizeres:

BANIDI
 OILIEN
 AICO

É dedicada ao deus bárbaro *Bandioilenaicus* ou *Bandius Ilie-naicus*, verosimilmente protector de fontes ou de povoações.

Na Quinta dos Albuquerque da Insua, contam-se três inscrições latinas, gravadas em granito, igualmente examinadas e traduzidas por Leite de Vasconcelos, as quais, conquanto publicadas por mais de uma vez, merecem ser transcritas para aqui.

A primeira, recolhida na vinha da Coutada, é a seguinte:

TIRO.G.LL.F.
 AN.XIII.S.E.
 DRPSTTL

Depois de interpretada, fica assim: *Tiro galli filius annorum XIII, hic est dic rogo praeteriens: sit tibi terra levis*, inscrição que quere dizer em português: *Tirão, filho de Gallo, de 13 anos de idade, está aqui sepultado. Tu que passas, dize, eu t'o peço: <seja-te a terra livre>.*

A segunda inscrição, também, repetidamente publicada, é consagrada aos deuses manes, e acha-se assim redigida:

D. M. S.
RVFO LVCI A LX
AMOENAE SEVERI. AN. IV
PLACIDAE CALVI AN XXX
FIRMINAE. FIRMI A XXXX
LVCIVS...S..ES F C

Completando as palavras iniciadas, obtém-se: *Diis manibus sacrum Rufo Luci (? filio) annorum LX; Amoenae Severi filiae, annorum IV; Placidae Calvi Filiae, annorum XXX; Firminae, Firmi filiae annorum XXXX. Lucius... S. es faciendum curavit (ou curaverunt).*

A tradução é: Consagração aos deuses Manes. A Rufo, filho de Lúcio (?), de 60 anos; a Amena, filha de Severo, de 4 anos; a Plácida, filha de Calvo, de 30 anos; a Firmino, filho de Firmo, de 40 anos; Lúcio... mandou ou mandaram) fazer (êste monumento).

A terceira inscrição achada na Insua (ou em Castelo de Penalva), dada à estampa por Leite de Vasconcelos, é a seguinte:

D. M. S.
PROCILI
AII .LIBIIR
TAII .RVST
AN. L. ST
D. M. PRO
CILIAII. PA

Outras lápides latinas têm sido encontradas nas vizinhanças de Penalva do Castelo.

Na povoação de Enfiás, à esquerda da porta principal da frontaria da Igreja, pode ler-se a seguinte inscrição, dedicada por Apónio Sósumo a Mercúrio:

DEO
MERCURI
APONVS
SOSVMVS
A. L. V. S.

A interpretação da última parte da inscrição, segundo Leite de Vasconcelos, é *Animo Lubens Roteno Solvit.*

Numa pedra partida da mesma aldeia, mostra-se outra inscrição romana que Cilea fez gravar à memória de seu marido Marco, filho de Marcino:

D. M. S
MARCVS
MARCINI
IF. N. LX
CICILIIA
VXOR.
.....

Leite de Vasconcelos, que a transcreveu em alguns dos seus trabalhos, interpretou-a do seguinte modo:

Diis manibus sacrum. Marcus Marcini filius, annorum LX. Cilea uxor...

Na pedra dum pátio da Matança, o douto filólogo teve ensejo de analisar outra inscrição, de difícil leitura, em virtude de estar algo gasta:

.
 XXVCAMI
 RAIITAIP
 ANXVI
 ———
 TONGETA
 ARANTO

Para Leite de Vasconcelos, os nomes apontados são de origem pre-romana.

O aparecimento de tantas inscrições latinas em tão diversas localidades era bastante para demonstrar o intenso grau de romanização a que foi submetida a região de Penalva do Castelo e os territórios vizinhos.

Porém, outros dados arqueológicos denunciam a estadia das hostes de Roma nesta parcelas da Beira-Alta.

Com a lápide de Esmolfe, há pouco referida, apareceram fragmentos de *tegulae* e de grandes vasilhas, *pondera* de barro, mós pequenas (*molae manuariae*) e restos de habitações, uns e outros de indiscutível feição romana (Leite de Vasconcelos).

Não longe daquela aldeia, num monte a NE. de Castendo, têm-se encontrado antiquilhas que autorizam a admitir a existência duma velha povoação — a *Murca* ou *Murqueira*, cuja fundação é atribuída aos romanos.

Na colina da Murqueira — que se continua com a do *Mortório* (*Mortuorio*?), em poços e outras escavações, apareceram vestígios de edificações antigas, canos de condução de água, e uma pedra com inscrições, a qual, segundo me informaram, está na posse do

Dr. António Lima, em Viseu. ¿Tratar-se-á do *Castrum* a que Leite de Vasconcelos chama *Muralhas*?

Em terrenos da Quinta de Gôge, apanharam-se bocados de tegulas, moedas romanas, dois capitéis, uma pia achatada e outros indícios da cultura latina; em Castendo, têm sido achados também pedaços de *tegulae* (Leite de Vasconcelos).

Segundo referência dêste investigador, junto da Matança — topónimo que a tradição filia em uma tremenda acção sangrenta exercida sobre os Moiros — obtiveram-se restos de tegulas e um denário de Augusto. A um quilómetro do dólmen das Córças, no Monte dos Matos, existem: o *Penedo da Moira* — com o qual se prende a lenda do aparecimento duma Agarena que, em tempos idos, vivia no seu interior...; o sítio do *Jogo* — o local onde os Moiros costumavam ir jogar...; e a *Lage da Serpe* — onde o povo crê que se vêem uns sapatinhos esculpidos e dentro da qual, por uns buraquinhos, pode ouvir-se tecer...

Leite de Vasconcelos observou no Monte dos Matos ruínas de duas ordens de muralhas concêntricas, vendo-se, nas cercanias, montículos de pedras — por certo, restos de habitações —, tegulas romanas (vermelhas, brancas e azuis-escuras) e imbrices, elementos que levam êste investigador à conclusão de que ali fôra erezido um *castrum*, intensamente influenciado pela cultura latina.

No povo de Cortiçô da Serra, têm aparecido vários restos cerâmicos de feição romana, acontecendo o mesmo em Lamas, Tôrre do Paço e Vila-Boa (Decermilo), onde se obtiveram cacos de alguidares de barro, pedaços de telha grossa, etc.

Se bem que se ignore ainda a época em que a antiquíssima povoação de Sezures foi fundada, não repugna aceitar que tal ocorresse no tempo dos romanos ou nos fins do período anterior à sua dominação.

Em seus arredores, no Rossio dos Matos, quando da surriba dum troço de terreno inculto, e junto duma pequena nascente,

encontraram-se, há anos, vestígios de cerâmica grosseira: canalizações, telhas de rebôrdo grosso, pedaços, tijolos, etc., antiguidades que, infelizmente, não foram recolhidas por ninguém; embora chegasse a ouvir falar destes achados, nunca me foi dado ver nenhum deles.

Tomando a descrição por boa, é lícito supor que tais fragmentos são de factura romana, o que equivale a dizer que o Rossio dos Matos, em eras afastadas, constituiu estação ou castro latino, opinião que, aliás, parece estar corroborada pela configuração orográfica do local.

O Rossio dos Matos, como o seu nome indica, era um baldio ou logradouro público, coberto de matagais, da gente de Sezures — aldeia que dista daquele lugar cêrca de quinhentos metros.

¿Será insensato crer que Sezures — a *villa Cesurae* dos Romanos — houvesse tido a sua origem no Rossio dos Matos, pequeno planalto provido de nascente de água e com extensas terras agricultáveis nas proximidades — Carregal e Fraga — a N. e NE., fertilizadas por um regato, que, percorridas algumas dezenas de metros, recebe o nome de *Ribeiro da Fraga* (tão ásperas e rudes são as suas margens, logo mais abaixo cambiadas por óptimas terras de sementeira)?

A ser assim, com o rodar dos anos, o Rossio dos Matos teria perdido a primitiva importância, razão por que a sua população, abandonando-o, se transferiu para o local em que hoje fica a povoação de Sezures, lugar igualmente planáltico, rodeado de largos e feracíssimos terrenos.

Pôsto que ousada, esta hipótese não deixa de merecer consideração.

Seja como fôr, o que não admite contestação é a existência da *villa Cesurae* nos alvares da expansão do Cristianismo na Península Ibérica, como o patenteiam flagrantemente as sepul-

turas antropomórficas abertas em rocha, na Portela e na Lage dos Vales, subúrbios da minha aldeia, umas e outras despejadas e sem tampa.

Dos túmulos da Portela, já me ocupei desenvolvidamente em estudo especial. Trata-se de três sepulcros — dois de pessoa adulta e o terceiro de criança, escavados num afloramento de granito grosseiro, situado à direita do caminho velho que ia de Sezures a Castendo.

As sepulturas maiores dispõem-se paralelamente, e orientam-se no sentido NE.-SW., ficando o lugar destinado a alojar a cabeça virado para SW.; a sepultura menor fica junto das anteriores e tem, aproximadamente, a direcção N.-S., estando o sítio da cabeça voltada para S.

À direita da estrada Castendo-Mangualde — que substituiu o antigo caminho —, no Calvário (à Sereia), a pequena distância da primeira vila, mostra-se uma necrópole (atribuída aos Moiros, e que, por isso mesmo e para santificação do local, ali se levantou um cruzeiro); é em tudo análoga à de Sezures: topografia em relação à via pública, número e orientação das sepulturas e situação do lugar da cabeça; destes sarcófagos antropomórficos tratei também apropriadamente no trabalho acima citado.

Consoante afirmação de Leite de Vasconcelos, em Vila-Boa e em Esmolfe, contam-se várias campas abertas em rocha; ao contrário das de Castendo e de Sezures — que se acham expostas à superfície do terreno —, as de Esmolfe, encontram-se a grande profundidade do solo.

Não aludiu o eminente arqueólogo à forma das sepulturas, embora seja lícito pensar que se referia a túmulos antropomórficos.

Apesar de não serem ainda unânimes as opiniões acerca da época em que as sepulturas desta natureza foram escavadas, julgo que, mercê dos argumentos que aduzi em outra oportunidade, tais sepulcros devem ter sido construídos no princípio da era Cristã.

Na Lage dos Vales, a SE. de Sezures e a pequena distância desta aldeia, observa-se uma grande e profunda escavação trapezoidal, aberta na rocha granítica.

A cavidade, orientada no sentido N.-S., possui as seguintes dimensões: lados maiores, 2^m,60 e 2^m,30; menores, respectivamente, 1^m,30 e 1^m,10; profundidade, um metro.

Junto do lado S., esboça-se outra campã, cuja cavidade foi apenas iniciada.

Sarcófagos de análoga configuração, encontrou-os Leite de Vasconcelos em Forninhos, junto da capela de Nossa Senhora dos Verdes; êstes, como o de Sezures, pertencem, sem dúvida, aos tempos romanos ou pre-romanos.

A sepultura de Sezures lembra uma enorme pia, cavada na rocha natural. Ouvi contar que o achado desta escavação ocorrido há anos, ia dando origem a uma cena de pugilato. Certo trabalhador, que perto se empregava com os companheiros a surribar terreno, apercebeu-se de que, debaixo da terra que enchia a cavidade, se continha uma panela de barro; supondo-a cheia de moedas de ouro, empenhava-se em escondê-la dos camaradas, os quais, todavia, não tardaram em dar conta da vasilha.

Qual não foi o desapontamento de todos, quando, partindo a panela com as enxadas ameaçadoras, sòmente puderam ver terra negra...

A gente mais idosa de Sezures afirma que, dentro da panela, haveriam sido guardados enchido e outra carne de porco, com o fim de subtraírem êstes alimentos à cobiça dos Franceses, que por ali passaram no princípio do século XIX.

Na Matela, pequeno povoado a NE. de Sezures, Leite de Vasconcelos viu uma sepultura avulsa, a servir de pia — onde os animais costumavam dessedentar-se — que lhe pareceu ser sepulcro romano ou medieval.

Na área da Lage dos Vales, mostram-se várias cavidades,

abertas no granito: a primeira, com a configuração duma gigantesca pègada humana, outra assemelhando-se à impressão da pata dum solípede, e correspondendo a terceira ao sulco deixado pelo rodado dum carro de bois; a tradição tanto assevera que tais marcas constituem sinais indeléveis impressos, há milénios, na rocha, quando incompletamente solidificada, como os diz resultantes da passagem dos Franceses!...

Segundo me afirmaram, perto da aldeia de S. Gemil, à superfície duma eira de granito, desenha-se um grande rectângulo que dá a idéia duma tampa de enorme arca. Ninguém se atreve a mexer no local: é que, reza a lenda, ao abrir-se êste depósito, evolar-se-iam espessos e abundantes gases mortíferos que empertariam tôda a povoação e redondezas...

No alto dum monte, junto de Trancosêlos, abertas em rochedos, aparecem escavações que o povo toma como sinais deixados por Nossa Senhora, ao assentar-se, e pela pègada da jumenta que a transportava.

Decorridos os períodos de dominação dos Romanos, dos Bárbaros e dos Árabes, chega-se ao século da fundação de Portugal. Com o alvorecer da Nacionalidade, o concelho de Penalva do Castelo foi distinguido com grandes honrarias e privilégios.

Vila Nova de Penalva, povoação recém-criada, mereceu ser dignificada pela Rainha D. Teresa, escolhendo-a para edificação do mosteiro dos Cavaleiros da Ordem Canónica e Militar do Santo Sepulcro, que ali teve a sua primeira casa na Península Ibérica; a segunda casa da Ordem foi instituída em Águas Santas (Maia) por D. Afonso III, cujo mosteiro, ao tempo, era pertença dos cónegos de Santo Agostinho.

Com a instalação da Ordem, a vila mudou de nome e tornou-se Vila Nova do Sepulcro; ainda hoje, na cêrca da Quinta do Mosteiro (ou Mosteirinho), aos Trancosêlos — onde a supers-

tição popular assegura aparecerem, durante a noite, almas do outro mundo — têm sido observadas ruínas de edifícios, sem dúvida, remotas construções medievais (igreja e habitações).

Leite de Vasconcelos examinou ali uma tampa de sepultura com uma cruz, escudetes e um signo-saimão.

Fundada, entre os anos de 1090 e 1100, por Godofredo de Bulhão, em Jerusalém, a Ordem do Santo Sepulcro foi introduzida em Portugal por D. Teresa, durante a menoridade de D. Afonso Henriques, portanto, entre os anos de 1112 e 1128, concedendo-lhe grandes e numerosas propriedades nos concelhos de Gouveia (S. Paio de Gouveia, actualmente S. Paio de Seia — coutadas, posteriormente, pelo rei Conquistador), do Sátão (Ladário — coutadas por D. Sancho I), e de Penalva do Castelo (Paços de Penalva e povoações de seu têrmo: Lusinde, Santa Ovaia, S. Gemil, Gondomar, Sezures e Pejes.

«Villa de Paazos de Pena Alva fuit testata sepulcro ex parte Regum & populatores d'ipsa Villa habuerant carta de foro d'regibus», certificam as *Inquirições* de D. Afonso III.

Sezures — a vila de Cesuras medieval — era comenda da Ordem do Santo Sepulcro; nesta qualidade, havia sido doada, aos cavaleiros de Jerusalém em recompensa de serviços valiosos, obrigando-se os guerreiros a promover o seu desenvolvimento e a defesa dos inimigos e malfeitores, consoante preceituavam as regras gerais de concessão de tais benefícios.

No decurso dos tempos, o mosteiro dos Trancosêlos arruína-se, e a Vila Nova do Sepulcro despovoou-se e, perdendo a sua primitiva importância, morreu; tanto a igreja como a povoação ficaram dependentes da comenda de Sezures. Em 1492, Sezures ainda continuava comenda ou ramo unido à de Águas Santas, sendo ainda as duas localidades da Ordem do Sepulcro — congregação que não tardou em ver-se encorporada na Ordem de Malta, de que a sua maior dignidade, o priorado do Crato, por caber

aos filhos segundos dos nossos reis, veio a pertencer pela última vez a D. Miguel I.

Na verdade, a limitar a área geográfica em que se acha situada a povoação de Sezures, mostram-se quatro cruces de Malta: uma, ao cimo do Mato da Costa; outra, no Vale do Côrvo; a terceira, na Córca dos Vales; e a quarta, na Serra do Gato, em lugar que desconheço.

A cruz do Mato da Costa (ou melhor, Mato da Encosta — largo baldio a N. do Rossio dos Matos, hoje apenas revestido de vegetação rasteira: giestas, salpór, rosmaninho, e raríssimos pinheiros bravos, mas, por certo, outrora coberto de espesso matalgal, que lhe daria o nome) está insculpida sôbre um afloramento granítico, no caminho do Vidoeiro ⁽¹⁾; a do Vale do Côrvo está gravada num penedo, e a da Córca dos Vales mostra-se num marco rectangular.

A tradição local assegura que as cruces referidas demarcavam terrenos coutados — a estas terras defesas poderiam acolher-se os delinquentes sujeitos à alçada das leis penais do reino; como é sabido, os direitos de coutado não só abrangiam aquêlê privilégio, mas também tinham por intuito atrair pessoas para se fixarem, trabalhando a terra e erigindo habitações, regalias que a carta de lei de D. Pedro II, em 10 de Janeiro de 1692, restringiu bastante, abolindo-as até para determinados crimes graves.

Nas *Inquisitiones* de D. Afonso III, em 1258, fala-se, frequentemente, do concelho de Penalva do Castelo e de seu aro: Castaedo, Noguaria, Piindo, Losemdi, Vila Cova, Rial, Antas, Taavares, Pejas, Santa Ovaya, Sam Gemil, Esmolfi ou Ermofoldi, Cesuras, etc.; entre tôdas, será interessante transcrever algumas

(1) Vidoeiro ou bétula — espécie florestal característica dos últimos andares das *skovmoses* ou turfeiras. Êste tipo de vegetação, actualmente abundante na taiga siberiana, predominaria neste terreno, ao qual, posteriormente, emprestou a denominação.

referências respeitantes a Castendo (*Castaendo — Castædo — Castaedo — Castanetum*) e a Sezures.

«*De Castaedo termino cum parrochia de Penna Alba* — Johannes Petri, juratus et interrogatus, dixit quod, in Castaedo, habet Dominus Rex Vij.^{em} fogarias forarias Regis de jugata ⁽¹⁾. Interrogatus de foro Regis, dixit quod solebant dare de jugata j. modium ⁽²⁾ quartatum et decimam de vino et de lino et de leguminibus, et ibant in hostem et anuduvam ⁽³⁾, et pectabant vocem ⁽⁴⁾ et calumpniam ⁽⁵⁾, per forum de Penna Alba, et dabant collectam ⁽⁶⁾, et qui habebant caballum defendebant jugatam.

«Petrus Suariz, de Ermolfi, juratus, dixit similiter; et addit quod Johannes Petri et Martinus Johannis comparaverunt unam fogariam ⁽⁷⁾ que fuit de Pelagio Rege, et est dispopulata, et perdit inde Rex anuduvam et hostem.

«D. (Dominicus) Petri, juratus, dixit similiter. Item, Johannes Petri, juratus et interrogatus de amis militum et de comendis et maladiis dixit quod Martinus Fernandi, de Castaedo, est in maladia ⁽⁸⁾ et comenda de Stephano Petri de Taavares.

(1) Jugata = jagada — fôro, impôsto ou direito real, pago por casais convertidos de reguengos em foreiros (Alexandre Herculano).

(2) Modio — meio almude, alqueire.

(3) Anúduva — impôsto em dinheiro destinado à construção e reparação de fortalezas, fossos e outras obras militares, que, muitas vezes, era satisfeito em trabalho braçal (Viterbo, Leite de Vasconcelos).

(4) Vox = voz — tributo, coima, multa ou pena pelo não pagamento de impôsto ou afronta cometida (Viterbo).

(5) Calumpnia = calúnia — multa paga pelos autores de crimes (Viterbo).

(6) Collecta = colheita — tributo que os vassallos pagavam ao rei quando êle visitava as povoações; posteriormente, o impôsto era satisfeito mesmo quando o príncipe não viesse. Desde D. Denis que a colheita passou a ser paga pelos concelhos (Viterbo).

(7) Fogaria — casal ou reguengo (terra que pertencia ao património real), por cujo amanho se entregavam à Coroa certos foros (Viterbo).

(8) Maladia — pensão, ainda que deminuta, que os nobres recebiam dos *malados* ou seus inferiores (Viterbo).

«Interrogatus de viduis, dixit quod vidua non dant luitosam ⁽¹⁾. Petrus Suariz dixit similiter de viduis».

E, noutro lugar das *Inquisitiones* de D. Afonso III, lê-se:

«*De Cesuras* — Item, Petrus Suariz, de Esmolfi, dixit quod Pelagius Martini, Zapatarius, dedit, in vita sua, una hereditatem forariam Regis de jugata in Cesuras.

«Interrogatus de tempore, dixit quod tempore istius Regis. Et dixit quod dederunt illi panem, et debent illum continere in vita sua.

«Martinus Fernandi, de Esmolfi (Ermofoldi), dixit similiter. D. Petri, de Castaedo, dixit similiter; et addit quod dederunt tres morabitanos ⁽²⁾, et debent illum continere in vita sua.

«Martinus Pelagii, de Cesuras, dixit similiter.

«Martinus Gunsalvi, de Castaedo, dixit similiter.

«R. Martini, de Cesuras, dixit similiter.

«Martinus Pelagii, de Cesuras, dixit similiter.

«D. Petri de Cesuras, dixit similiter.

«Menendus Martini dixit similiter.

«Dominicus Petri, de Castaedo, juratus et interrogatus, dixit quod Domus Petrus et Donna Dordia testaverunt Ville Nove de Sepulcro una hereditate forariam Regis et jugata in loco que dicitur Carpena et in conchouso que fuit de Donna Vivili. Interrogatus de tempore, dixit; tempore Domini Regis Sancii, fratris istuis Regis.

«Martinus Pelagii, de Carroga, juratus et interrogatus, dixit

(1) Luitosa = luitosa — pagamento de imposto especial, sem o qual as viúvas jamais poderiam contrair segundas núpcias (Viterbo).

(2) Morabitano = maravedí. Em 1928, cada moravedí-ouro valia 204\$68 (Lúcio de Azevedo).

quod Villa de Carroga est foraria Regis de caballaria ⁽¹⁾, et est una cabalaria, et peccat Regi vocem et calumpniam, et debet ire in hostem et anuduvam, et dat in collectam, et maiordomo ⁽²⁾ de Penna Alva pignorat et constringit eos pro totis suis directis.

« Martinus Fernandi, de Correga, dixit similiter. Garsea Petri dixit similiter.

« Johannis, de Ulvaria, juratus et interrogatus de patronatu de Piindo, et habuerunt eam sempre de popolatione terre.

« F. Laurencii, de Rooriz, dixit similiter ».

Depois de se referirem a várias localidades do concelho de Penalva do Castelo, as *Inquisitiones*, voltam de novo a falar de Sezures:

« De Cesuras — Rodericus Martini, de Cesuras, juratus et interrogatus, dixit quod de villa de Cesuras habet Rex medietatem de homicidio ⁽³⁾, rauso ⁽⁴⁾ et merda in buca ⁽⁵⁾, et habet portaginem ⁽⁶⁾, et hostem et anuduvam.

(1) Cabalaria = cavalaria — multa, condenação ou pena que pagavam todos aquêles que, tendo obrigação de ter cavalo de marca, o não apresentavam nas mostras gerais do mês de Maio. Em Viseu e seus termos, todos os chefes de família tinham cavalo de Maio, capaz de servir na guerra.

Obrigaçào de fornecer certo número de cavalos ao real serviço.

Fisco, imposiçào tributária que, no século XIII, os beirões pagavam — correspondia aos prédios onerados com serviço de fossadeira ou direito de fossado (Viterbo).

(2) Maiordomo = mordomo — feitor, encarregado de colhêr a importância das multas e as rendas, e da administração dos bens particulares (Viterbo).

(3) Homicídio — tributo ou pena paga pelo assassino ou por quem não quisesse entregar o criminoso ao tribunal (Viterbo).

(4) Rausso — multa, condenação ou pena que as leis impunham ao forçador de mulher: rapto ou violação (Viterbo).

(5) Merda in buca ou *stercus in ore* — palavras obscenas, torpes; grave insulto, dos maiores da Idade-Média, remido com pesada multa (Viterbo).

(6) Portaginem = portagem — direito real advindo da venda de viveres que

« Martinus Pelagi, de Cesuras, dixit similiter; et adadit quod habuit eam Sepulcrum Domini de testamento de Pelagio Rubro de longo tempore; et multi alii dixerunt similiter, qui libet per se; et addit quod laborant homines de Cesuras hereditates forarias Regis e dant de eis rationem de pane concilio de Penna Alba, quod est arrendatum com Rege.

« D. Petri de Cesuras, dixit similiter.

« Menendus Martini juratus, dixit similiter; et adadit quod fratres fecerunt in ipso testamento tria casalia, et deinde alargaverunt et errimperunt per montum minium Regis, et fecerunt modo bene XXX. Casalia.

« Sueierius Gunsalvi, de Ribeyro, juratus, dixit similiter; et adadit quod tota est foraria Regis et sua propria Regis, excepto uno casali quod fuit de Pelagio Rubeo.

« Johannes Michaelis, iudex de Penna Alva, juratus, dixit quod concilium de Penna Alva fuit arrendatum cum Domino Rege Sancio, fratre istius Regis, per centum morabitanos sicut continetur in carta Domini Regi, et, anteaquam Regi, sicut continetur in certa veteri.

« Interrogatus de hereditatibus forariis dixit (sic) ».

Com data de 1283, a *Chancelaria de D. Denis* fala da « partição do juiz e tabelião do concelho de Penalva do Castelo

entrassem nas cidades, vilas, julgados ou coutos, ou pago pelas pessoas que atravessassem as localidades, levando mercadorias (Viterbo).

Quem passasse por Sezures, porque esta povoação pertencia à Ordem de Santo Sepulcro, seria obrigado a pagar aquêlê direito; e era na Portela (pequena porta, entrada duma povoação, passagem, caminho que liga dois lugares diferentes, como desde o século X se dizia) que o imposto deveria ser satisfeito. Na verdade, êste local é bem a porta de Sezures, visto por ali passar o antigo caminho Castendo — Sezures — Cortiçada — Aguiar da Beira, hoje substituído, em parte, por estrada.

àcerca da povoação do Castelo dêsse nome, cujos povoadores tinham vindo à côrte, representados por dois dêles. Na carta do rei, de 12 de Fevereiro, diz-se que até 15 de Agôsto, êles fariam casas na povoação, havendo de habitá-las, sob pena de o juiz e tabelião lhas tirarem, para as darem a outros povoadores, enviando-os então à côrte para lhe passarem os títulos de concessão. O Concelho distribuiu as terras aos povoadores não permitindo o juiz e o meirinho do distrito que ninguém lhes fizesse danos» (Gama Barros).

Quando das *Inquirições sobre Honras e Devassas* de D. Denis, em 1288, no julgado de Penalva, os informadores disseram: «Que ha hy hua aldeya q. chamâ Çeçuras & son bê xij Casaes & da Orden do Sepulcro & tragê a hordê por onra que nã entra hy moordomo nê peita ⁽¹⁾ en de voz nê coomha ⁽²⁾ & pero don na Renda XV lybras ao Concelho por ajuda de Colheya & pero tragêna por onrra & trage hy sseu chegador» ⁽³⁾.

Não conheço qualquer documento dos séculos XIV e XV, em que se aluda ao concelho de Penalva do Castelo.

Em 10 de Fevereiro de 1514, D. Manuel, tendo em atenção as deferências havidas da parte de D. Sancho II, D. Afonso III e D. Denis para com êste concelho, concedeu-lhe foral, no qual se declara expressamente: «eram escussos os lugares de Losim de, & Santa Ovaya, & Sam Gemil, & Gondomar, & Cesura, & Pejas, por serem da Ordem, á excepção de terem ou de adquirirem terras dizimais, das quais pagariam segundo a Repartição,

(1) Peitar — pagar (Viterbo).

(2) Coomha = coima — multa ou pena, por injúria, injustiça ou afronta cometida (Viterbo).

(3) Chegador — a pessoa que fazia comparecer os devedores ou os que impediam o pagamento das dividas (Viterbo).

que lhe coubese; da paga de nove mil rreais ⁽¹⁾ e 250 liuras ⁽²⁾, que allê se deviam pagar pelas rendas da terra, ficando somente sujeitos todos os bens e pessoas á paga de 7.200 reais pelas duzentas liuras da Colheita, como no dito foral se prescreye».

No reinado de D. Manuel, sabendo-se que o concelho ou julgado de Penalva do Castelo fôra aforado por D. Sancho II por 180 maravedis de ouro (cem pelos direitos reais da Terra e oitenta pela colheita dela) — aforamento que mereceu ser confirmado por D. Afonso III —, estabeleceu-se que «por cada um dos maravedins, duas liuras e meia daquela moeda antiga pollo qual depois el-Rei dom denis seu filho, a requerimento do dito concelho, mudare esse foro dos maravedins ao dito respeito nas ditas liuras, leuando a liura em vinte soldos ⁽³⁾ que fazem desta nossa moeda ora corrente de seis ceptis ⁽⁴⁾, o real nouenta rreais. E montase por este respeito nas ditas quatroçentas e cinquenta liuras de vinte soldos a liura. E a trinta e seis reais por huma com crescimento deles desasseis mill e duzentos reais».

Passam os séculos, sucedem-se os monarcas, e do concelho de Penalva do Castelo pouco falam os documentos históricos.

A povoação de Penalva do Castelo constitui uma colegiada importante, privilégio mantido até à lei de 18 de Dezembro de 1869, de José Luciano de Castro, que suprimiu as corporações eclesiásticas. O abade da frêguesia tinha honras de cônego, inteiramente subtraído à jurisdição do bispo de Viseu; competia-lhe

(1) O real branco ou de prata valia dez vezes o real prêto ou de cobre; o real branco, em 1435, equivalia a 35 libras — 15,12 reis ouro, que, em 1928, valiam 1\$49,4 (Lúcio de Azevedo).

(2) Em 1928, cada libra de D. Afonso III valia 136\$44 (Lúcio de Azevedo).

(3) O sôldo de ouro valia 320 reis, e o de prata, 10 reis; vinte sôldos perfaziam uma libra de 36 reis. Em 1513, o sôldo passou a valer um real (Lúcio de Azevedo).

(4) Ceptil = ceitil — moeda usada depois da tomada de Ceuta. Um real branco equivalia a seis ceitis (Lúcio de Azevedo).

administrar os bens locais e os dízimos pagos pelas treze frèguesias filiais, num total de 1.200\$000 reis anuais.

Ao abade de Penalva — escolhido pelos Marqueses de Cascais — incumbia apresentar os párocos de Real, Esmolfe, Vila Cova, Mareco, Germil, Trancosêlos e Sezures, respectivamente, com, reis, 6\$000, 32\$000, 40\$000, 20\$000, 6\$000, 6\$000 e 20\$000, de cõngrua e o pé de altar.

O pároco de Lusinde era proposto pelo reitor de Pindo, por sua vez apontado pelo Padroado, cabendo ao primeiro 10\$000 reis e 40\$000 ao segundo, de cõngrua e o pé de altar.

II

Terminadas que foram as referências aos elementos informativos sôbre a pre-história e a história de algumas das povoações do concelho de Penalva do Castelo e de outras das vizinhanças, passemos a descrever as excursões levadas a efeito nos montes e serras dos arredores da aldeia de Sezures — motivo principal da realização do presente estudo.

A primeira excursão realizou-se ao *Vale do Corvo* e à *Vacaria*.

Deixando-se a povoação, à Santa Justa — nicho modesto de granito fino do Margaçal, onde até há anos, se abrigava a imagem da santa que deu o nome ao lugar, e em frente do qual se reconstituem os cortejos dos defuntos provenientes do Bóco e da Ponte e se rezam os responsos fúnebres; envereda-se para o Vale da Cruz — largas terras de sementeira onde se erige um cruzeiro de pedra, que lhes empresta a denominação; sobe-se ao Picôto — lugar impròpriamente designado porque, em vez de apresentar cume agudo, a colina parece um planalto; segue-se para o Campelinho — um pequeno campo arável; e, finalmente, atingem-se os limites meridionais do Vale do Corvo — amplo baldio, assim

chamado, mercê dos numerosos corvos que, em tempos idos, ali se podiam observar.

O Vale do Corvo é um extensíssimo terreno que vai dos limites de Sezures aos do Bóco, de Colherinhas e da Vacaria.

O solo apresenta-se coberto de ervas, sargaços, fetos, panasco, salpór, rosmaninho, orgueiras, e, de, onde em onde, pinheiros bravos; ali vão a apascentar os gados de Sezures, do Bóco e da Vacaria.

Abundam as rochas graníticas — ricas de feldspato e mica — com formas e dimensões as mais variadas.

Observam-se, com grande freqüência, os penedos balouçantes ou oscilantes, quer sustentados apenas por uma escassa superfície basilar, quer pousados em duas ou mais rochas vizinhas.

Penedos fendidos, provavelmente, pela acção das faíscas eléctricas — cujos fragmentos se dispõem paralelamente ou sob ângulos de 25-30° — e abrigos sob rocha de diferente amplitude, resguardados, por vezes, por paredes tôscas, por certo, erectas pelos pastores para se abrigarem e aos gados das intempéries, aparecem também amiúde; a exploração ligeira dos abrigos e vizinhanças não conduziu a quaisquer resultados de interêsse arqueológico.

Apresentam-se, igualmente, penedos ostentando escavações mais ou menos largas e profundas, de caprichosa configuração: a chaminé dum forno-túnel, a silhueta dum bispo paramentado com capa de asperges, nichos de santos, etc. As cavidades, devidas à acção erosiva dos elementos meteóricos, mostram-se em penedos de granito grosseiro e esboroável, e sempre na face exposta a S. ou a E., do lado de Trancoso, da Espanha — donde sopra o vento de *cima* ou *suão* ⁽¹⁾ — apelido talvez demasiadamente lato, pois que *suão* se chama ao vento quente e sofucante,

(1) Em certas regiões, chama-se vento ensoño ou espanhol ao vento do Nascente (Leite de Vasconcelos).

vindo do sul; o vento de cima é muito temido dos lavradores, tão perniciosos efeitos êle faz sentir sôbre os frutos e demais espécies agrícolas. E é, decerto, por causa dos seus malefícios, que ao ouvir-se soprar, intensamente, se diz em Sezures: *morreu algum escrívão para as bandas de Espanha...*, como que a justificar também a outra máxima bem remota: *de Espanha não vem bom vento nem bom casamento...* — próloquio que nada tem de pejorativo porque traduz apenas um arredondamento rítmico (Leite de Vasconcelos).

De entre as rochas do Vale do Corvo — que mais têm prendido a atenção das gentes da frêguesia de Sezures, salientam-se o *Penedo Mirante*, o *Penedo de Pêra Bordã* e a *Pedra Alta*.

O Penedo Mirante acha-se no Vale das Porqueiras ⁽¹⁾ — vale com cêrca de um quilómetro de extensão — e que atravessa o Vale do Corvo no sentido N.-S.

O Penedo Mirante é um monólito enorme, com mais de catorze metros de comprimento, e outros tanto de altura. Colocado sôbre o talweg, deixa, entre as duas margens, uma passagem ou gruta com perto de dois metros de largura, por onde corre a água do regato. Cogitando sôbre a formação dêste abrigo, fica-se com a impressão de que o Penedo Mirante, anteriormente colocado em cima duma larga rocha, fendendo-se pelo meio, se deslocou sôbre a base, de modo a ficar encostado, indo um dos seus bôrdos fixar-se na margem oposta do ribeiro.

O nome dêste monólito advém da circunstância de qualquer pessoa, colocada sob a gruta, do lado N. poder reflectir-se, nitidamente, *mirar-se*, na água do regato. Conta-se que as pastoras

(1) É de crer que esta designação provenha de, em outros tempos, ali irem pastar varas de porcos, como actualmente ainda acontece no Alentejo; semelhantemente, o nome da Vacaria derivará da existência de currais de gado bovino.

mais brêgeiras, que jamais usaram cuecas, não só se dispunham sôbre a água de modo a mirarem as suas partes pudendas, mas até disso faziam gala...

Por mais que tentasse aperceber-me de qualquer indício arqueológico, nada consegui observar sôbre Penedo Mirante ou nos terrenos adjacentes.

Certos habitantes mais idosos de Sezures repetem uma lenda muito curiosa que afirma viver, no interior do Penedo, uma Moira formosíssima que, na madrugada do dia de S. João, vai mirar-se na água, e pentear os seus cabelos, tão extraordinariamente belos e preciosos, que, cada um, desprendido, constitui valioso fio de ouro puro; ninguém a poderá ver, sob pena de ficar encantado...

A N. do Penedo Mirante e dêle desviado 800 metros, aproximadamente, posta-se o Penedo da Pêra Bordã (Pedra Bordã?), descomunal rochedo que se salienta entre as quatro das partes em que se fendeu um grande bloco granítico — com mais de 70 metros de circunferência e 12 de altura.

Na face NE., o Penedo da Pêra Bordã apresenta excavações de diverso tamanho, provocadas pelos agentes erosivos, assemelhando-se uma delas ao cálice e corola duma flor de enormes proporções: o cálice deve medir cêrca de 1^m,5 de altura e a corola terá um metro de diâmetro.

Foram vãs tôdas as tentativas que realizei com o fito de desvendar a origem da expressão com que se nomeia êste agregado rochoso, como inúteis resultaram quaisquer investigações sôbre a existência de lendas e tradições, que, porventura, com êle se relacionem.

A Pedra Alta, localizada na margem ocidental do Vale do mesmo nome — continuado mais abaixo pelo Vale das Porqueiras — encontra-se a cêrca de 500 metros da Vacaria; o seu nome provém da situação saliente duma pedra, colocada no tópo do bloco

granítico, formado por três penedos sobrepostos, que se alteia a 30 metros sobre o fundo do vale.

Entre o segundo e o terceiro penedos, há um apertado e difícil caminho de cabras; a-pesar-de tão perigosa passagem, certa pastora de antanho, numa afirmação de audácia insensata, costumava percorrê-la de gatinhas, juntamente com o seu cão de guarda prêso à cintura!...

A pedra superior, com a forma aproximada dum cone, de vértice para baixo, é bem um penedo balouçante; o seu equilíbrio é obtido à custa de outra rocha a que se ampara.

Os pastores abriram pequenas cavidades na superfície da pedra mais alta, a fim de lhes permitir trepar ao cume, tarefa não muito difícil quando tentada pelo lado ocidental; a base do cone é tão ampla que os rapazes lhe dançam em cima.

Conquanto a Pedra Alta seja bem conhecida por tôda a gente da frêguesia, e, melhor ainda, pelos pastores e caçadores, nenhuma lenda ou tradição local se refere a êste aglomerado rochoso, nem nenhum elemento arqueológico encontrei nas pesquisas efectuadas sobre os terrenos em seu redor.

E, para findar esta peregrinação de estudo, aludirei ainda ao *Sarilho*—local com alguns metros quadrados de superfície, a W. e a pequena distância da Vacaria—, cuja designação, de há muito, desperta a minha curiosidade.

O sítio nada tem de interessante, a não ser por apresentar-se entre penedias e revelar vestígios de antigos muros de pedras tôscas, sobrepostas a sêco.

O Sarilho é atravessado pelo caminho de Sezures—Vacaria—Cortiçada—Aguiar da Beira—Trancoso, via esta com muitas centenas de anos de existência, como bem o patenteiam os profundos trilhos produzidos na rocha natural do pavimento.

Leite de Vasconcelos, que visitou o Sarilho, em 1896, afirma que o povo dos arredores relaciona o nome do lugar com um

sarilho de armas para a cavalaria dos Moiros não passar; em sua opinião, e por analogia com o que se verifica em outras regiões, o nome proveio de, em qualquer pedra, se achar esculpida a figura dum sarilho.

As versões que eu recolhi sobre a origem daquela designação afastam-se um pouco das que acabo de referir.

Contaram-me que uma antiga tradição assevera que, entre os penedos do Sarilho ou detrás dêles, se postaram os patriotas defensores da frêguesia, barrando com a sua bravura indomável, a passagem aos estrangeiros—que uns querem hajam sido os espanhóis, e outros os franceses; para certos habitantes, no segundo quartel do século passado, realizaram-se ali exercícios militares, e, portanto, múltiplos sarilhos de espingardas foram armados, sucedendo até que, os proprietários da região, com receio de que lhos roubassem, esconderam em lugares seguros, todos os seus equídeos.

Explorações superficiais, feitas *in loco*, não levaram a nenhum achado arqueológico.

Do *castelo* da Vacaria, a que alude Leite de Vasconcelos, não obtive qualquer informação sobre da sua existência ou localização topográfica, nem do *penedo sonante* ou ainda do gigante de dentes grandes que, junto dêle, inquiria da analogia da dentadura com a dos viandantes...

De regresso a Sezures, passa-se pelas Alminhas do Maio (?) e da Córgea (Córrega) do Pereiro—modestíssimas representações do sacrificio do Calvário, a ocre vermelho, e já quasi indecifráveis—, as primeiras pintadas num penedo, e as segundas numa pedra do muro que ladeia o caminho de Sezures à Vacaria.

E, já nos subúrbios da minha aldeia, postam-se novas Alminhas, o *Cruzeiro das Cruzes*—denominação derivada, decerto, das duas cruces que ostenta, uma entalhada em relêvo, na parte

superior do rectângulo do Cruzeiro, e a outra, a tinta avermelhada, quasi desaparecida, pintada a meio dêle.

De todos os cruzeiros da frêguesia de Sezures, é este o mais interessante sob o ponto de vista artístico, aliás bem pobre também. Erigido em 1822, é junto dêle, como das Alminhas precedentes, que se reconstituem os cortejos fúnebres e também se recitam as orações pela alma dos mortos, que, da Vacaria e do Companheiro, vão a enterrar no cemitério da minha terra natal.

*
* *
*

A segunda excursão teve por objectivo visitar a *Serra das Malhadas* e a *Cabreira*.

Partindo da Mata da Castelhana — cujo nome parece recordar o de qualquer mulher de Castela — na minha infância, formada por pequenos pinheiros bravos envolvidos por espessos silvados, e aonde, com os rapazitos de Sezures, eu ia em procura dos ninhos — para a Córga do Pereiro, chega-se às terras dos Córgos (Córregos), denominação bem apropriada, tão fundas regueiras, bordadas de alcantiladas penedias, conduzem as águas pluviais ao Vale do Coval, onde avolumam o ribeiro do Companheiro, pequeno afluente do Côja.

No cimo dos Córgos, em local, actualmente, coberto de pinhais adultos, há mais de cinqüenta anos, travou-se feroz e sangrento combate entre uma alcateia de lóbos famintos e uma manada de touros e de vacas e suas crias, que viviam em semi-liberdade naquelas paragens.

Da refrega, que durou uma noite inteira — e a cujo lugar, bem batido e ensangüentado, acorreu, admirada, no dia seguinte, toda a gente das povoações vizinhas — resultou ficarem bastantes feridos um vitelo de pouca idade, e uma lóba, esta tão gravemente

que, alguns dias depois, foi encontrada agonizante, no meio dum feijoal, em Carapito, junto do rio, onde um moleiro a acabou de matar à sacholada.

Nas duas margens do Coval — correspondendo a do S. aos Córgos e a do N. à Serra das Malhadas — por entre fragedos cobertos de panasco, salpór, giestas e sargaços, e de colossais blocos graníticos, predominantemente feldspáticos e ricos de mica, observam-se vários penedos balouçantes, de diferentes formas e dimensões, sustentados por um ou mais pontos de apoio.

Largos ou apertados espaços (*taladas*) entre os penedos, algumas bem altas, e abrigos sob rocha — primitivos ou protegidos por tôscas paredes de pedra solta, erectas pelos pastores para recolha dos gados — também são freqüentes; em cima dos penedos, aqui e além, orgueiras, medronheiros, carrascas e outras plantas silvestres — cujas sementes para ali carregaram as aves — vivem raquiticamente, tão minguido é o terreno em que se fixaram.

Nas faces expostas a E. e a S. de alguns penedos, ostentam-se escavações com os mais caprichosos aspectos, resultantes da acção dos agentes erosivos.

Nem nos abrigos sob rocha nem nos terrenos circundantes, encontrei quaisquer objectos ou insculpturas que correspondam a manifestações de actividade humana de idades anteriores à nossa.

Na Quinta do Companheiro (Campanheiro?), diz a tradição, acampou, em tempos muito recuados, um monarca ou infante português, que por ali passara em viagem ou digressão venatória; a perpetuar a sua estadia, tão honrosa para o povoado, o príncipe fez gravar numa pedra o escudo nacional, que, segundo me informaram, ainda existia no fim do século passado, e depois foi destruído por inconsciente iconoclasta.

Leite de Vasconcelos, em 1896, passou pelo Companheiro, em demanda duma inscrição que lhe disseram haver ali; sòmente teve ensejo de, numa lápide, poder verificar a data de 1689.

A ser verdadeira a versão que referi, ¿haveriam, porventura, passado por tão inóspita região qualquer dos primeiros membros da família real da quarta dinastia?

Entre os vales do Coval e o do Côja, na serra do mesmo nome, encontra-se o *Penedo das Malhadas* — descomunal aglomerado granítico com mais de 70 metros de comprimento, 50 de largura e outros tantos de altura — separado, por garganta apertada, de outra enorme massa de penedos, postada a S.

No cume dêste rochedo, escondem-se os coelhos, aonde, só certos cães conseguem ir desalojá-los, tão árduo e perigoso é o acesso.

O Penedo das Malhadas deve a sua alcunha às manchas esbranquiçadas e escuras, alternadamente dispostas e, melhormente evidenciadas à distância, que apresenta nos lados oriental e meridional.

As manchas ou *malhadas*, ao contrário do que pensa o povo da região, quando assegura serem apenas resultado da deposição dos excrementos das aves de rapina que sobre a rocha fazem os ninhos ou poiso habitual, devem provir, sobretudo, da coloração líquenes, e quiçá, da acção da água das chuvas que escorrem dos do tópo para a base do penedo.

O Penedo das Malhadas mostra na face oriental uma cavidade, análoga e outras que, a pequena distância dêle e em enorme penedia, se podem verificar no tecto dum abrigo sob rocha, de abertura voltada para S. e E.

Em outro penedo, no lado sul, observa-se uma interessante figura, lembrando um relógio de grandes dimensões: a periferia é constituída por aglomerados de líquenes esbranquiçados, achando-se o interior coberto daquelas criptogâmicas muito mais escuras.

Seguindo o ribeiro do Companheiro, na direcção da sua foz, já em terras da Silvã, encontra-se um lugar chamado *Dornas* — nome derivado da existência de mais de trinta concavidades,

fundas e redondas, caprichosamente moldadas (assemelhando-se algumas delas às dornas ou vasilhas de madeira onde se pisam ou transportam as uvas para o lagar), de diferentes dimensões, que durante séculos, as águas foram cavando na rocha sobre que passam, coleando, a caminho do Côja, afluente do Dão.

Durante o verão, a água do ribeiro, por escassa, desaparece a cerca de 50 metros das Dornas, mostrando-se, de novo, cantante dentro das suas concavidades, para não passar além.

Procurei inquirir sobre qualquer lenda ou versão popular ligada ao Penedo das Malhadas ou às Dornas, mas foi debalde que o tentei.

A S. dos Córgos, no tópo da vertente escarpada das terras que se continuam com as da Cabreira (provavelmente, outrora, região de pastagem de gado caprino) eleva-se o *Penedo do Oiro* — morro granítico com mais de 50 metros de comprimento e 30 de altura, a E. — a que só é possível trepar pelo lado ocidental.

O Penedo do Oiro apresenta várias escavações arredondadas, em forma de bacia, de maiores ou menores dimensões (algumas de 1^m × 0^m,50), possuindo ou não orifícios de escoamento.

Com o Penedo do Oiro, prende-se uma lenda muito interessante. Conta-se que, no interior da rocha, vive uma Moira, dotada de beleza sem par, e extremamente rica. Como veio para ali ninguém o sabe, se bem que se acredite ter ficado do tempo dos Moiros... à espera de ser resgatada pelos seus irmãos de raça e de religião; igualmente se ignora o orifício por onde entra para o seu esconderijo.

No dia de S. João, mesmo ao nascer do sol, pode ver-se a Moira expondo à luz dos primeiros raios solares, tóda a sua imensa riqueza — pedras preciosas, meadas e cordões de oiro fulvo...

Poucos minutos demora a sua tarefa, e recolherá cêleremente, todo o seu tesoiro, se vir ou adivinhar que olhos indiscretos a espreitam ou querem surpreender na sua exposição.

Alguns abrigos sob rocha podem verificar-se neste local, e, bem assim, penedos balouçantes, com ou sem escavações; ali, a 50 metros, a E. do Penedo do Oiro, vê-se uma pedra oscilante, cujo aspecto recorda o duma boina à espanhola.

Enveredando para a Córga dos Vales — extensas terras de sementeira, a chamada *fólha de baixo* (em oposição à *fólha de cima*, formada pelas searas a E. e a S. de Sezures), encontra-se uma pedra rectangular de 1^m,25 de altura, enterrada no solo e incorporada numa parede de separação de propriedades rurais; na face Oriental, está insculpida uma tósca cruz de Malta, tendo 0^m,12 de comprimento cada um dos braços — marca rupestre a que já aludi mais atrás.

Transposto o ribeiro do Portipeiro — pequeno regato recém-nascido a algumas dezenas de metros na Lameira, que se dirige, por entre terras fertilíssimas, para a bucólica Quinta de Vale Amoso, para alfim, já mais forte ir lançar-se no Côja; subida a encosta que leva à aldeia, havendo passado pela Fontinha da Prata — em que só brota água no inverno, chega-se aos subúrbios de Sezures, à Portela, local em que se eleva a capelinha de S.^{to} António, junto ao cemitério — onde, desde os fins da primeira metade do século passado se inhumam os mortos da fréguesia, que até àquela época, conforme o costume generalizado, eram enterrados dentro da igreja ou no adro contíguo. Também outrora no largo junto da capelinha se realizavam os arraiais de S.^{to} António e do Mártir S. Sebastião.

*
* *
*

A terceira excursão destinou-se a visitar a *Serra do Gato*. Percorrida a rua da Igreja; passado o Curral — topónimo denunciador da antiga prática das gentes de Sezures: no curral ou pequeno recinto, recolhiam-se os gados perdidos ou extravia-

dos, até que seus donos os demandassem; subido o caminho do Fôjo (1), que leva ao cimo da Quinta da Lapa — povito que recebeu o nome do grande penedo contido na sua área; deixadas as *Alminhas*, e, percorrida, finalmente, tóda a encosta, chega-se às Cabeças — terrenos assim denominados, possivelmente, por constituírem a parte mais alta do monte.

Nas Cabeças, nada de interessante prende a atenção do investigador, o que já não acontece ao entrar-se nas terras que conduzem, por intermédio do Vale Feitoso (por via dos abundantes fetos, *feitãos* ou *fentãos*, como os chamam aqui), à Serra da Cabeça do Gato, tão rica de enormes penedias graníticas.

São frequentes também as rochas manchadas de líquenes, e as cavidades, de formas e dimensões diversas, escavadas sobre elas — algumas das quais têm servido de receptáculo do leite que os pastores para ali ordenham, à hora da merenda.

As escavações apresentam-se, em regra, nas superfícies expostas a NE. e a E., havendo todavia, algumas viradas a S., W. e a NW. Se certas delas são, indubitavelmente, devidas à acção erosiva dos agentes meteorológicos, outras há que podem tomar-se como artificialmente talhadas pelo homem, tão perfeitas se apresentam em seus aspectos e delineamentos; estão neste caso, o *Penico*, a *Banheira*, o *Lagar dos Moiros* — designações bem expressivas para, só por si, denunciarem a configuração geral das cavidades.

O Penico lembra uma retrete com capacidade de mais de 60 litros, cuja abertura superior tem um metro de diâmetro, sendo o do orifício do fundo igual a um decímetro; ali sobem os pequenos pastores, com o auxílio duma árvore, a fim de fazerem as suas dejectões! . . .

O Lagar dos Moiros e a Banheira também estão colocados

(1) Denominação imprópria, porquanto trata-se de uma encosta e não de cova funda.

no tópo de altas rochas, aonde se trepa muito difficilmente. Na superfície exterior do Lagar, diz a gente de Sezures, existe a figura duma chave, grosseiramente delineada e esculpida; a tradição local assevera que o Lagar tem uma torneira em sítio inacessível e que só com auxílio de instrumentos especiais se poderá abrir...

Os penedos balouçantes, assentes por um ou dois pontos também se encontram amiudadamente, tanto na Cêrca de Dentro como na Cêrca de Fora — regiões contíguas que ligam o Vale Feitoso com o cêrro da Cabeça do Gato, na serra do mesmo nome; a montanha deve a sua denominação a um penedo balouçante, excavado na parte superior e apoiado sôbre grande aglomerado rochoso que, observado a distância, dá a idéia perfeita da cabeça dum felino doméstico, sustentada pelos cõndilos occipitais, ficando o focinho virado a N.

As formas dos penedos oscilantes dêste monte revelam aspectos interessantes: bonés, pirâmides e cones invertidos, etc.

Os abrigos sob rocha e as *taladas* ou passagens apertadas entre as rochas, mostram-se, igualmente, em grande número; uma destas últimas, com perto de 25 metros de altura e 0^m,40 de largura, recebeu a alcunha de *Talada das Cadelas* — porque só os cães de caça por lá podem passar, tão estreita ela é, e a outra, mercê da sua analogia com a vulva duma jumenta, é conhecida pelo nome de *C...ta da Burra*.

Dos abrigos sob rocha, uns conservam a sua primitividade e outros foram resguardados, lateralmente, pelos pastores, para melhormente se abrigarem e aos seus gados por ocasião das tempestades.

A *Lapa dos Ladrões* fica situada na Cêrca de Fora; diz-se que, em tempos idos, serviu de refúgio aos gatunos para ali se recolherem e cozinhar as rezes roubadas — conservadas numa cabana construída a poucos metros de distância, hoje demolida, talqualmente o que succedeu a outras choupanas dispersas pela serra.

Há alguns anos, foi encontrado, sob a Lapa dos Ladrões, um objecto que, consoante me informaram, se parecia com um garfo de grandes dimensões, embora algo diferente dos que actualmente se utilizam.

Nos tectos dos abrigos sob rocha e sôbre alguns penedos, balouçantes ou não, apresentam-se, com freqüência, pequenas cavidades superficiais, linhas e traços gravados e outros sinais rupestres, de maior ou menor extensão, de significado ainda indecifrável, pois tanto podem ter resultado de caprichos da natureza como haverem sido produzidos pela mão do homem.

O aglomerado granítico sôbre que está o penedo da Cabeça do Gato, no tecto dum amplo abrigo e em tôda a sua área, apresenta múltiplos sulcos simples ou ramificados; a E. desta penedia, um enorme morro sustenta grande pedra, disposta de modo a formar novo abrigo, em cujo tecto, além de diversas pequenas excavações se mostram insculpturas análogas às dos anteriores.

A superfície, voltada a NE., dum penedo balouçante — com 12 metros de largura e 6 de altura — contém gravuras arboriformes, ocupando a área de um metro quadrado e colocadas a 1^m,5 do solo.

Na face de outro penedo, exposta a E., nota-se uma depressão de um metro de altura e um e meio de comprimento, cujo conjunto geral recorda, tôscamente, o corpo dum animal, porventura, um elefante; na parte superior da excavação, mostram-se sulcos curvilíneos, rectilíneos e irregulares.

A NE., e distanciado aproximadamente de uma centena de metros do morro da Cabeça do Gato, encontra-se, rés-do-solo, um abrigo sob rocha conhecido pela denominação do *Forno dos Moiros*. A largura da abertura ou bõca do forno é igual a 1^m,40, e a profundidade e a altura atingem, respectivamente, 1^m,20 e 0^m,80.

Os pastores dispensam atenções e respeito particulares a êste abrigo; limpam-no com carinho, e não permitem jamais que, dentro dêle, se faça fogo.

De acôrdo com a tradição, o Lagar dos Moiros, o Penico, a Banheira e o Forno dos Moiros eram utilizados pelos Muçulmanos, que aqui viveram, para satisfação de algumas das suas necessidades domésticas.

Os Moiros possuíram inapreciáveis tesouros, e, por isso, é corrente a opinião que afirma que *entre o Vale Feitoso e as Quelhas do Pendão* (lugar banal, não afastado do Forno dos Moiros, a NE. dêle) *há uma grade e um cambão de ouro!* . . .

Na parte média da encosta NE. do Vale Feitoso, depara-se com a Fonte do Esguicho — uma pequena rocha fendida, à superfície do solo, donde, no inverno, brota água com abundância e com tanta fôrça que os rapazes, diminuído o orifício da nascente, por meio de tecido que introduzem na fenda, obrigam a água a elevar-se em jacto a mais de um metro de altura, condicionando assim a formação dum esguicho ou repuxo.

De regresso à povoação, em Monte Couras (Couraças?), encontram-se novos abrigos sob rocha, dois dos quais merecem ser apontados aqui. Colocados lado a lado, um dêles mede cêrca de 6 metros de largura, 2^m,75 de altura e 4 metros de profundidade, e o outro, respectivamente, 2^m,30, 2 metros e 5 metros; devem ter servido para abrigar os gados dos pastores.

Junto à eira de Monte Couras, fica um grande penedo com três cavidades, comunicantes entre si, orientadas no sentido E.-W.

Descendo à estrada que conduz à aldeia, distante de 200 metros, passa-se pela *Quinta do Vale de Naires* — pequenino povoado da frêguesia de Sezures, cujo topónimo, por tão pouco vulgar, desperta curiosidade e interêsse.

¿Teria sido o sítio baptizado pelo seu dono ou primeiro habitante, quiçá, antigo mareante ou guerreiro na Índia, onde fica o país dos Naires — a tão importante casta militar dos Índios do Malabar?

III

Concluído o relato das excursões de estudo que fiz às regiões circunvizinhas da aldeia de Sezures, apoiado nos elementos pre-históricos e históricos de que se precedeu a descrição daquelas, e confrontadas tôdas as informações, tentemos estabelecer conceitos e alicerçar doutrina que autorizem a esclarecer a origem e o desenvolvimento ulterior de tão laboriosa povoação da Beira-Alta.

É indiscutível que, nas terras circum-adjacentes de Sezures — nas Antas de Penalva, nos concelhos de Fornos de Algodres, de Celorico e do Sátão — viveram povos pre-históricos, nomeadamente, dos fins da idade neolítica, como flagrantemente o corroboram a existência dos dólmenes, outrora, muito abundantes, e de que, actualmente, ainda há, bons exemplares, e ainda o asseguram também os numerosos vestígios da cultura megalítica portuguesa e de outros instrumentos característicos da era da pedra polida.

O aparecimento de dois machados neolíticos na área da frêguesia de Sezures, denota que gentes da idade da pedra polida — há mais de seis mil anos — calcurriaram ou viveram em seus territórios; se, porém, a escassez de dados pre-históricos nos impede de, por ora, nos afoitarmos a admitir a existência de bem fornecidas estações neolíticas, essa deficiência não obsta a que em explorações continuadas, novos elementos arqueológicos possam vir a encontrar-se que justifiquem esta suposição.

O aparecimento de numerosos penedos, apoiados apenas por uma reduzida base de sustentação, porventura alguns oscilantes, e a verificação de outras rochas com topónimos sugestivos — Penedo Mirante, Pêra Bordã, Penedo do Ouro, Penico, Lagar dos Moiros, Banheira e Cabeça do Gato —, aliados à existência de múltiplos abrigos sob rocha — Lapa dos Ladrões, Forno dos Moiros, etc. —, se não podem ser ainda considerados como

construções ciclópicas do homem primitivo, tais monumentos megalíticos são, todavia, determinantes ou promotores de lendas e superstições, intimamente relacionadas com a vida humana em tempos tão recuados.

Quer os penedos balouçantes sejam caprichos da natureza, meros e casuais fenómenos geológicos; quer possam ser tomados como cipos de cemitérios pre-históricos, ou outro qualquer monumento funerário, simbólico e mágico (Filipe Simões e José de Pinho)—opinião dificilmente defensável no caso particular de Sezures, visto não se terem encontrado outros monumentos megalíticos, embora se verifiquem hipotéticas insculpturas rupestres—o que é inegável é que muitos dos enormes monólitos, excavações, abrigos, e a própria configuração das rochas, são especialmente mencionadas e merecem sempre particular reparo às gentes da região.

Os séculos decorrem; à idade da pedra sucedeu-se a dos metais—vivida por novas populações que ocupam a Península Ibérica, a Lusitânia.

À terra dos Lígures, ou dos Iberos, tidos, consoante os autores, como os mais antigos povos da Península—os primeiros, anteriores ao século VII a. de C., e os segundos, pelo menos, entre o VI e o IV séculos—arribaram grupos de Fenícios e Gregos, que iriam fixar-se de preferência, nas costas mediterrânicas e atlânticas.

Transposto o fim da idade de bronze, entra-se na primeira idade do ferro (Halstatt), a meio do quaternário holocénico ou actual.

O advento dos Celtas, os introdutores da civilização do ferro, em copiosas emigrações (máximas no século IV a. de C.) determina um amplo mestiçamento com os indígenas, originando os Celtiberos.

Não tardou que os descendentes dos Fenícios do norte da África—os Cartagineses—invadissem a Península Ibérica, esta-

belecendo-se sobretudo, entre o Tejo e o Ebro, incluída a Lusitânia.

Da passagem e fixação destes povos pre-históricos por terras de Sezures nada se sabe, embora no vizinho concelho do Sátão se hajam encontrado remotos objectos de bronze e de ferro.

Na segunda idade de ferro (La Tène), por volta dos anos 215-210, a. de C., em perseguição dos Cartagineses, novas gentes—os Romanos—surgem na Península, onde hão-de dominar durante quatro séculos, e acabar alfim, por impôr a sua cultura, que jamais deixando de progredir, veio depois de cristianizada, a converter-se na Civilização Ocidental, que ora usufruímos.

Após a morte traiçoeira de Viriato, no ano de 140, a. de C., a Lusitânia foi subjugada—tão inútil resultou a revolta de Sertório, em 80—tendo igual sorte, sete anos depois, e com a tomada de Numância, a grande maioria dos territórios ibéricos. E, com o início da conquista dos soldados do Latium e conseqüente e ulterior romanização, transpôs-se o limiar dos tempos históricos, e com estes, difunde-se exuberantemente, na Península Ibérica, a cultura latina, «a civilização mais progressiva do Mundo».

A influência romana faz-se sentir sobre a língua dos Lusitanos, nos seus usos e costumes, leis e instituições, e até no ponto de vista somático.

Em terras de Penalva do Castelo, fixaram-se e viveram os Romanos; falam deles as pedras com inscrições, os restos de cerâmica e outros achados arqueológicos dos castros do Castelo de Penalva, de Paramuna, da Murqueira, e, certamente, os do Rossio dos Matos, em Sezures; relembram a sua estadia naquelas paragens a ponte romana e a calçada ou via militar pavimentada de grandes lages, sobre o rio Dão e perto dele, próximo do Castelo de Penalva.

Por Sezures, no princípio da nossa era, passava a ramificação de uma das onze estradas romanas directas, que irradiavam

de Viseu; bifurcada na Insua, um ramal ia atravessar a ponte do Castelo para dirigir-se, talvez, ao Casal Vasco e a Infias, e o outro encaminhava-se para Esmolfe e Sezures, localidade esta onde se subdividiria em dois trôços: o primeiro seguia em direcção ao Bóco, Quinta da Ponte, Forninhos, Penaverde, Casal do Monte, Venda do Cepo e Trancoso (José Coelho), e o segundo enveredava para a Vacaria, Cortiçada, Aguiar da Beira.

Aos tempos pre-romanos (Martins Sarmento), ou imediatamente anteriores ou ainda a períodos romanos correspondentes ao início da expansão do Cristianismo na Península Ibérica (Leite de Vasconcelos, Filipe Simões, Amorim Girão, Carlos Teixeira), deverão ter pertencido as sepulturas abertas em pedra, encontradas na Portela e na Lage dos Vales, arredores de Sezures.

Embora não aceite incondicionalmente a opinião de Vergílio Correia — quando crê que as sepulturas antropomórficas têm origem medieval, quiçá, por vezes, posterior ao século X, penso, contudo, que os sepulcros da Portela devam haver sido excavados nos primeiros tempos do Cristianismo. Com efeito, como elas, as primitivas igrejas mostram-se, na sua maioria, orientadas no sentido E.-N. ou NE.-SW., e os altares situam-se do lado do Oriente, estando a porta principal sempre virada a W. ou SW.; a situação da cabeça na necrópole referida permitirá que, no dia do Juízo Final, as pessoas, ao levantarem-se, fiquem voltadas para Jerusalém. Idêntica orientação apresentam, aliás, as sepulturas da Sereia (Castendo), de Ruivães (Vieira do Minho), de Santa Cruz do Bispo (Bouças), etc.

Se bem que, antes da dominação romana e durante esta, fôsse costume corrente incinerar os cadáveres, algumas famílias pagãs havia, no entanto, que preferiam ser inhumadas, talqualmente o que se passava com os cristãos, que jamais consentiam na cremação dos seus restos mortais — prática bem generalizada até ao século III A. D.

Não deixa de ser muito interessante a circunstância de as necrópoles da Sereia e da Portela se identificarem tanto na forma e dimensões das suas sepulturas, como, e principalmente, no número e disposição; do significado destas verificações e ao pequeno número de túmulos que formam as duas necrópoles já cuidei desenvolvidamente em estudo especial, razão por que me dispense de repetir agora as considerações que então aduzi.

Os Romanos ou os povos a que comunicaram a sua civilização, deixaram voluntariamente ou não, os castros ou citânias, — por via de regra localizados nos sítios altos, a-fim-de mais eficazmente se defenderem dos inimigos ou dos animais ferozes que os acossassem — descendo aos vales e planícies de terras férteis.

Dedicando-se à agricultura, as gentes de Roma cultivaram grandes extensões de terrenos, desbastaram matos e arvoredos; é crível que, desde esta época, se iniciassem as culturas em muitas terras de Sezures e de seu aro, ao tempo cobertas de bosques, como bem o revelam os topónimos daquela aldeia: Rossio dos Matos, Mato da Costa, Videiro, a Boixa (Bouça), etc.

Os Romanos constroem casas nos campos, erigem *villae rusticae* e *villae fructuaria*, donde resultaram anteriormente, as povoações luso-romanas, continuadas na Idade-Média pelas *villas* e *villares*, *casales*, *casais* ou quintas — de que tanto falam os documentos coevos — e das quais muitas das povoações do concelho de Penalva do Castelo ainda hoje conservam estas denominações antigas. Até aos fins do século XII, as vilas rurais — onde viviam os colonos e suas famílias — eram herdade, granja, casal ou quinta, constituídas por terrenos, casa de campo, abegoaria, cobêrto, etc.

Foi, talvez, no Rossio dos Matos que se levantaram as primeiras habitações campestres da *villa Cesurae*; abandonado êste local por motivos ignorados — embora seja permitido supor que

tenham de filiar-se na ânsia de melhoria económica de seus habitantes, cada vez mais numerosos — a *villa* foi transferida para o sítio em que, actualmente, se situa a aldeia de Sezures.

Depois dos Romanos, chegaram, à Península Ibérica, os Alanos, os Vândalos e os Suevos, fixando-se os primeiros nos territórios da Lusitânia; não tardou, porém, que novas gentes — os Visigodos, povos afins somática e etnicamente dos anteriores — se assenhoreassem da Ibéria, onde dominam cêrca de três séculos.

Da invasão dos Árabes, em 711, resulta a submissão dos povos peninsulares ao jugo dos prosélitos do Alcorão, domínio que perdurará, em terras lusitanas, até ao século XIII.

Nem as hordas germânicas nem as muçulmanas impregnaram tão profundamente a constituição morfológica e social do nosso povo como os Romanos.

Da passagem e estadia das populações maometanas na região de Penalva do Castelo, nada de concreto se conhece ainda; unicamente se apontam lugares cujos topónimos andam relacionados com superstições, lendas e tradições, em que os Moiros e as Moiras são sempre os protagonistas, se bem que, é verdade, tais narrativas sòmente encerrem interêsse folclórico.

Inicia-se a Reconquista Cristã da Ibéria, e, com esta, não demorou que o povo do Condado Portucalense adquirisse a maioridade política e se tornasse independente.

No despertar da Nacionalidade, o concelho de Penalva do Castelo é alvo de consideração especial por parte da rainha D. Tereza; é dentro dos seus limites, em Trancosêlos, que se institue a primeira casa dos Cónegos e Cavaleiros da Ordem do Santo Sepulcro da Península Ibérica, recém-chegados a Portugal.

A rainha cumula-os de privilégios e honrarias, doa-lhes muitas fazendas e povoações, entre as quais se conta a de Sezures, convertida em comenda das mais categorizadas.

A princípio, a *villa Cesurae* seria formada por um pequeno número de moradias. No humilde povoado, haveria, talvez, uma família mais ilustre, possivelmente, a do chefe; para os seus membros se teriam aberto as sepulturas da Portela.

A *villa de Cesuras* cresce e progride; ainda conserva esta denominação no século XIII, durante o reinado de D. Afonso III, nas inquirições que mandou realizar. No tempo dêste rei, a gente de Sezures tinha por obrigação dar à Coroa metade das multas correspondentes à remissão de crimes de homicídio, rapto ou violação de mulher, e por insultos graves, como *stercus in ore*; os direitos de portagem, o recrutamento de homens para a guerra e para construção ou beneficiamento das fortalezas eram também pertença ou privilégio real.

Já no tempo de D. Denis se lhe não chama vila, nome substituído pelo de aldeia — agora, pelo menos, com doze habitações; é que atingira maior desenvolvimento, e, por isso, de modesto casal campestre — a vila romana — convertera-se em aldeia mais progressiva. De futuro, aliás, a designação vila apenas traduzirá divisão administrativa, salvo uma ou outra povoação que ainda hoje mantém a primeira denominação, sem que tal circunstância sempre equivalha a importância populacional ou económica (por exemplo: Vila Cova, Vila Mendo — duas aldeias do concelho de Penalva do Castelo).

Embora a aldeia dionisíaca continuasse a pertencer à Ordem do Santo Sepulcro, a seus habitantes incumbe dar ao monarca, quando por êle visitados ou por seu representante, quinze libras, oferecidas por sua livre e espontânea vontade, procedendo assim por honra, visto em suas terras não poder entrar mordomo nem chegador, em demanda de tributos de qualquer natureza.

A Ordem do Santo Sepulcro, ao cabo de múltiplas vicissitudes, é incorporada na Ordem de Malta, passando os seus bens, no concelho de Penalva do Castelo e nos circunvizinhos, a ser

dependência da Comenda de Sezures, facto altamente honroso para esta povoação, tão bem êle revela seu prestígio e valimento.

No documento de D. Manuel, de 1514, em que se dá foral novo ao concelho de Penalva do Castelo, a aldeia de Sezures aparece excluída do pagamento de determinados encargos fiscaes, não deixando, contudo, de aludir-se expressamente à obrigação de satisfazer os direitos de portagem e de colheita — o imposto da visita do rei ou de seu emissário.

Decorrem os anos, passam-se séculos. De algumas das povoações do concelho de Penalva do Castelo continuam a falar os textos históricos; de Sezures ou de seus habitantes nem uma única referência se obtém até ao século XIX.

No século XIX, duas famílias categorizadas — Albuquerque Castro, e Almeida, viviam nessa povoação. Parentes dos Albuquerque e Castro, de Esmolfe e de Sezures, ilustram-se no Ultramar português: em meados do século XVIII, dois filhos da Casa da Insua, Luís e João de Albuquerque Pereira de Melo e Cáceres, são governadores e capitães generais do Mato Grosso, região brasileira onde promovem excelente obra administrativa e de fomento colonial.

O nome da Insua, de Casal Vasco e de outras aldeias do concelho vão baptizar povoações recém-criadas do Estado de Mato Grosso; o de Castendo é dado a um povoado (Úcua) de Angola, actualmente séde e apelido de um Pôsto Administrativo dos Dembos, em cuja área ainda, em nossos dias podem se observar árvores de fruto, que, outrora, ali plantara alguém natural da vila penalvilha.

Em Esmolfe, durante o século XVIII os primeiros lustros do XIX, os Albuquerque e Castro, usufruíam quantiosos bens de fortuna e desfrutavam grande prestígio moral e social; no segundo quartel do século XVIII, um filho desta povoação, João Patrício de Albuquerque e Castro, era capitão-mor da Ordem de Malta.

Foi, numa propriedade dos Albuquerque e Castro, de Esmolfe, que, em ano ignorado, appareceu uma pequena macieira, que devia tornar-se célebre. Não se sabe de onde veio a semente, nem se foi trazida pelas aves ou por qualquer pessoa. Tratada com carinho, a planta cresceu, fêz-se árvore, e um dia deu os primeiros frutos, que eram deliciosos. Porque os pomos provinham de macieira que ninguém semeou nem plantou, receberam o nome de *maçãs do bravo* (ou *bravias*) *de Esmolfe* — por ser a terra da sua naturalidade.

Ê como se vê, daquela região que são oriundas as esplêndidas *maçãs* (ou *pêros*, como se diz em Lisboa) *bravo de Esmolfe*, e não de *Esmólfo*, *Esmôfo* ou *Môfo*, na fala alfacinha, nem de *Esmalfe*, consoante afirmou Leite de Vasconcelos; a fama da bondade dêstes pomos espalhou-se em Portugal inteiro e nas suas Colónias, ultrapassando já as fronteiras.

Em Sezures, no princípio do século passado, continuava senhor e administrador do morgadio de Esmolfe e Palhaes, Miguel de Albuquerque e Castro, descendente em linha recta de um dos ramos da Casa da Insua, e das famílias Barros Cardoso Figueiredo e Vasconcelos da Moita, e Magalhães Coutinho, de Gôge.

A implantação do Liberalismo em Portugal levou os Albuquerque e Castro de Esmolfe e de Sezures, partidários leais e dedicados de D. Miguel, a bater-se por êste monarca em vários encontros guerreiros, nomeadamente, em Valverde e no Cêrco do Pôrto.

Um dos representantes desta família, que viveu em Real, Manuel Maria de Albuquerque e Castro foi monteiro-mor do distrito em Viseu e capitão de Milícias desta cidade; nesta última qualidade, portou-se tão brilhantemente, a favor de D. Miguel que mereceu ser condecorado com as medalhas de Nossa Senhora da Conceição e da Tôrre Espada, Lealdade ao Rei e à Pátria.

Miguel de Albuquerque e Castro, oficial de Milícias como seu primo, esteve também em Valverde e no Cêrco do Pôrto, campanhas em que arruinou a fortuna e a saúde.

Após a Convenção de Évora-Monte, derrotado D. Miguel, os Albuquerque e Castro recolhem a seus lares.

Doente, empobrecido, sofrendo tôdas as desditas dos vencidos, Miguel de Albuquerque e Castro, ao abrigo da lei de Mouzinho da Silveira, de 4 de Abril de 1832, solicita a D. Maria II a abolição do vínculo e bens de capela, em prejuízo de seu filho menor, de quatro meses, Manuel, requerimento que é deferido em 7 de Julho de 1836.

O único descendente de Miguel de Albuquerque e Castro, com geração, ligou-se à família Almeida; desde então, os descendentes desta união nupcial jamais deixaram de esforçar-se por readquirir para sua família o lustre e o prestígio de outros tempos.

Já nos fins do século XIX, e, principalmente, no segundo quartel do século XX, alguns membros desta família ascendem a elevadas dignidades intelectuais do País.

Estimulados por tão nobre exemplo, outros filhos de Sezures se valorizam, exercendo muitos dêles respeitáveis funções públicas e privadas.

A aldeia de Sezures dos nossos dias, uma das maiores e mais populosas do concelho de Penalva do Castelo, para conseguir acelerar o seu progresso, carece de alguns melhoramentos materiais, que só com o auxílio do Estado podem efectivar-se.

Anseiam por êste quinhão de bem-estar todos os seus filhos, tanto os que mourejam exaustivamente na agricultura, comércio e indústria da Metrópole, das nossas Colónias ou em países estranhos, como aquêles que se alçapremaram às mais altas posições da vida pública e mental da Nação portuguesa; uns e outros se empenham por enobrecer e dignificar a sua terra natal, tão remotamente fundada, há mais de dois mil anos.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA (ANTÓNIO DE) — *As sepulturas antropomórficas de Sezures e de Castendo (Penalva do Castelo)*, in «Instituto». 1942.
- ALMEIDA (JAIME DE) — *Dos Atbuques de Esmolfe e de Sezures*. Lisboa, 1940.
- Arqueólogo Português* — Volumes I, V, VI, VIII, IX, X, XI e XXIV.
- AZEVEDO (J. LÚCIO DE) — *Épocas do Portugal Económico*. Lisboa, 1929.
- BARROS (HENRIQUE DE GAMA) — *História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII e XV*. Lisboa.
- CARDOZO (MÁRIO) — *Citânia de Briteiros*. Guimarães, 1939.
- CARVALHO (JOSÉ GUEDES PINTO DE) — *Memórias da História Política e Militar da soberana Ordem de S. João de Jerusalém, desde a sua fundação até 1821*. Lisboa, 1821.
- COELHO (JOSÉ) — *Memórias de Viseu*. Viseu, 1941.
- CORREIA (A. A. MENDES) — *Povos Primitivos da Lusitânia*. Pôrto, 1924.
- *A Lusitânia Pre-Romana*, in «História de Portugal». Barcelos, 1928.
- CORREIA (VERGÍLIO) — *Cil. de Amorim Girão*.
- FERNANDES (J. XAVIER) — *Topónimos e Gentílicos*, vol. I. Pôrto, 1941.
- FIGUEIREDO (JOSÉ ANASTÁCIO DE) — *Nova Malta*. Lisboa, 1800.
- GIRÃO (A. AMORIM) — *Sepulturas antropomórficas abertas em rocha*, in «Homenagem a Martins Sarmento». Guimarães, 1933.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* — Vol. II. Lisboa e Rio de Janeiro, 1938.
- LEAL (PINHO) — *Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa, 1875-1890.
- PEIXOTO (ROCHA) — *Portugalia*, vol. II.
- PINA (MENDONÇA E) — *Dicionário de Portugal*. Lisboa, 1904-1915.
- PINHO (JOSÉ DE) — *Expansão da cultura megalítica no concelho de Amarante*, in «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», vol. IV, fasc. I. Pôrto, 1928.
- PINTO (ROQUETTE) — *Rodónia*. Rio de Janeiro, 1935.
- Portugaliae Monumenta Histórica* — «Inquisitiones», vol. I, pars II, fascs. VI e VII. Lisboa, 1935.
- SAMPAIO (ALBERTO) — *As Vilas do Norte de Portugal*, in «Portugalia», vol. I, 1899-1903.

SANTA CATHARINA (FREI IGNEZ DE) — *Memórias da Ordem de S. João de Malta*, tòm. I. Lisboa, 1734.

SARMENTO (MARTINS) — *Cit. de Amorim Girão*.

SIMÕES (FILIPE) — *Cit. de Pinho Leal e de Amorim Girão*.

TEIXEIRA (CARLOS) — *As sepulturas abertas em rocha de Ruivães*, in «Prisma».

Ano IV. Pôrto, 1940.

VASCONCELOS (J. LEITE DE) — *Religiões da Lusitânia*, vols. I, II e III. Lisboa.

— *De Terra em Terra*, vol. I. Lisboa, 1927.

— *Opúsculos*, vols. III e IV. Coimbra, 1931, 1929.

— *Etnografia Portuguesa*, vol. II. Lisboa, 1936.

VITERBO (FREI JOAQUIM DE SANTA ROSA DE) — *Elucidário*. Lisboa, 1798.
